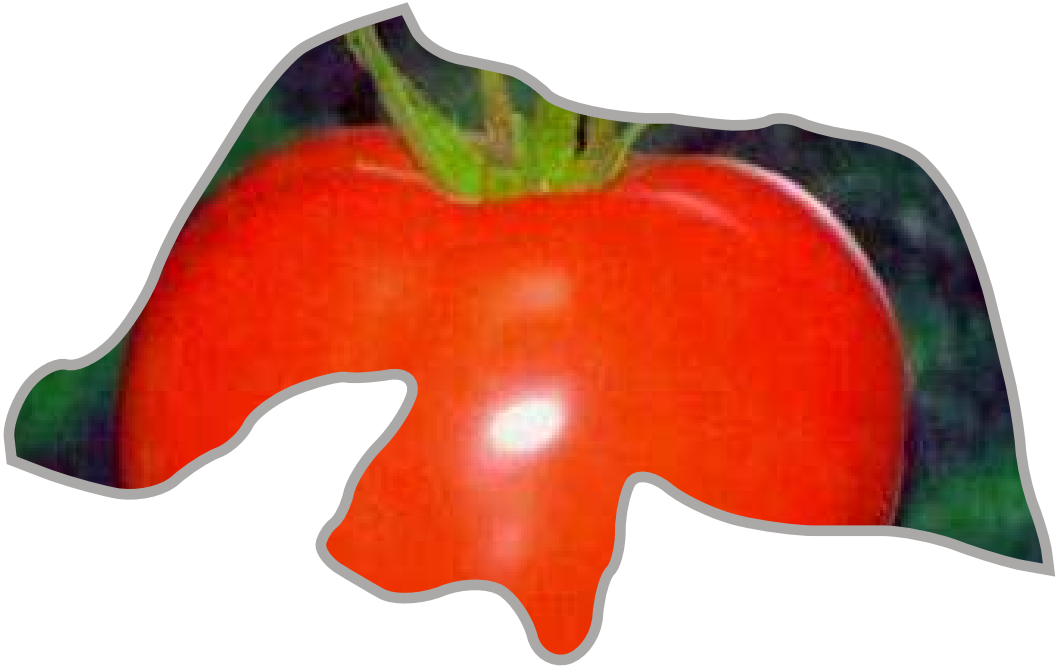


Caracterização das Bases de produção orgânica no Rio Grande do Norte





ISSN 1678-1953

Outubro, 2007

*Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Centro de Pesquisa Agropecuária dos Tabuleiros Costeiros
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento*

Documentos 124

Caracterização das Bases de Produção Orgânica no Rio Grande do Norte

Manuel Alberto Gutiérrez Cuenca
Marcos Antônio Barbosa Moreira
Maria Urbana Corrêa Nunes
Samuel Silva da Mata
Cláudia Gondin Moreira Guedes
Maria de Fátima Pinto Barreto
Vitória Régia Moreira Lopes
Francisco das Chagas Ávila Paz
José Robson da Silva
Jorge Ferreira Torres

Aracaju, SE
2007

Disponível em: <http://www.cpatc.embrapa.br>

Embrapa Tabuleiros Costeiros
Av. Beira Mar, 3250, Aracaju, SE, CEP 49025-040
Caixa Postal 44
Fone: (79) 4009-1300
Fax: (79) 4009-1369
www.cpatc.embrapa.br
sac@cpatc.embrapa.br

Comitê Local de Publicações

Presidente: Edson Diogo Tavares
Secretária-Executiva: Maria Ester Gonçalves Moura
Membros: Emanuel Richard Carvalho Donald, José Henrique de Albuquerque Rangel, Julio Roberto Araujo de Amorim, Ronaldo Souza Resende, Joana Maria Santos Ferreira

Supervisora editorial: Raquel Fernandes de Araújo Rodrigues
Normalização bibliográfica: Josete Cunha Melo
Tratamento de ilustrações: Diego Corrêa Alcântara Melo
Editoração eletrônica: Diego Corrêa Alcântara Melo
1ª edição

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei no 9.610).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Embrapa Tabuleiros Costeiros

Cuenca, Manuel Alberto Gutiérrez

Caracterização das Bases de produção orgânica no Rio Grande do Norte / Manuel Alberto Gutiérrez Cuenca... [et al.] -- Aracaju : Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2007.

20 p. : il. - (Documentos / Embrapa Tabuleiros Costeiros, ISSN 1678-1953; 124).

Disponível em <http://<www.cpatc.embrapa.br>>

1. Agricultura Orgânica - Produtor. 2. Hortaliça Orgânica. 3. Rio Grande do Norte. I. Moreira, Marcos Antônio Barbosa. II. Nunes, Maria Urbana Corrêa. III. Mata, Samuel, Silva da. IV. Guedes, Cláudia Gondin Moreira. V. Barreto, Maria de Fátima. VI. Lopes, Vitória Régia Moreira. VII. Paz, Francisco das Chagas Ávila. VIII. Silva, José Robson da. IX. Torres, Jorge Ferreira. X. Título. XI. Série.

CDD 631.584

© Embrapa 2007

Autores

Manuel Alberto Gutiérrez Cuenca
Economista, M. Sc. em Economia Rural, Pesquisador da
Embrapa Tabuleiros Costeiros,
Caixa Postal 44, Av. Beira Mar 3250,
Aracaju, SE, CEP 49025-040
E-mail: cuenca@cpatc.embrapa.br,

Marcos Antônio Barbosa Moreira
Pesquisador da Embrapa Tabuleiros Costeiros,
Caixa Postal 44, Av. Beira Mar 3250,
Aracaju, SE, CEP 49025-040
E-mail: mmoreira@cpatc.embrapa.br,

Maria Urbana Corrêa Nunes
Pesquisadora da Embrapa Tabuleiros Costeiros,
Caixa Postal 44, Av. Beira Mar 3250,
Aracaju, SE, CEP 49025-040
E-mail: murbana@cpatc.embrapa.br,

Samuel Silva da Mata
Pesquisador da Embrapa Tabuleiros Costeiros,
Caixa Postal 44, Av. Beira Mar 3250,
Aracaju, SE, CEP 49025-040
E-mail: damata@cpatc.embrapa.br,

Cláudia Gondin Moreira Guedes
Pesquisadora da Empresa de Pesquisa Agropecuária do
Rio Grande do Norte,
Av. Jaguarari, 2192 - CEP 59062 - 500,
Lagoa Nova, Natal-RN

Maria de Fátima Pinto Barreto
Pesquisadora da Empresa de Pesquisa Agropecuária do
Rio Grande do Norte,
Av. Jaguarari, 2192 - CEP 59062 - 500,
Lagoa Nova, Natal-RN

Vitória Régia Moreira Lopes
Pesquisadora da Empresa de Pesquisa Agropecuária do
Rio Grande do Norte,
Av. Jaguarari, 2192 - CEP 59062 - 500,
Lagoa Nova, Natal-RN

Francisco das Chagas Ávila Paz
Pesquisador da Empresa de Pesquisa Agropecuária do
Rio Grande do Norte,
Av. Jaguarari, 2192 - CEP 59062 - 500,
Lagoa Nova, Natal-RN

José Robson da Silva
Pesquisador da Empresa de Pesquisa Agropecuária do
Rio Grande do Norte,
Av. Jaguarari, 2192 - CEP 59062 - 500,
Lagoa Nova, Natal-RN

Jorge Ferreira Torres
Pesquisadora da Empresa de Pesquisa Agropecuária do
Rio Grande do Norte,
Av. Jaguarari, 2192 - CEP 59062 - 500,
Lagoa Nova, Natal-RN

Sumário

Introdução	7
Objetivos	9
Material e Métodos	9
Resultados e Discussão	10
Conclusões	19
Referências Bibliográficas	20

Caracterização das Bases de produção orgânica no Rio Grande do Norte

Manuel Alberto Gutiérrez Cuenca

Marcos Antônio Barbosa Moreira

Maria Urbana Corrêa Nunes

Samuel Silva da Mata

Cláudia Gondin Moreira Guedes

Maria de Fátima Pinto Barreto

Vitória Régia Moreira Lopes

Francisco das Chagas Ávila Paz

José Robson da Silva

Jorge Ferreira Torres

Introdução

Por definição, segundo normas do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, considera-se sistema orgânico de produção agropecuária e industrial, todo aquele em que se adotam tecnologias que otimizem o uso de recursos naturais e sócio-econômicos, respeitando a integridade cultural e tendo por objetivo a auto-sustentação no tempo e no espaço, a maximização dos benefícios sociais, a minimização da dependência de energias não renováveis e a eliminação do emprego de agrotóxicos e outros insumos artificiais tóxicos, organismos geneticamente modificados - OGM/transgênicos ou radiações ionizantes em qualquer fase do processo de produção, armazenamento e de consumo, e entre os mesmos, privilegiando a preservação da saúde ambiental e humana, assegurando a transparência em todos os estágios da produção e da transformação, visando:

- a) a oferta de produtos saudáveis e de elevado valor nutricional, isentos de quaisquer tipos de contaminantes que ponham em risco a saúde do consumidor, do agricultor e do meio ambiente;

b) a preservação e a ampliação da biodiversidade dos ecossistemas, natural ou transformado, em que se insere o sistema produtivo;

c) a conservação das condições físicas, químicas e biológicas do solo, da água e do ar;

d) o fomento da integração efetiva entre agricultor e consumidor final de produtos orgânicos, e o incentivo à regionalização da produção desses produtos orgânicos para os mercados locais BRASIL, 1999, BRASIL 2003).

O conceito de sistema orgânico de produção agropecuária e industrial abrange os produtos denominados de ecológicos, biodinâmicos, naturais, sustentáveis, regenerativos, biológicos, agroecológicos e a permacultura.

O sistema orgânico surgiu como alternativa ao sistema convencional de produção que preconiza o uso intensivo de agrotóxicos e de adubos solúveis visando maximizar a produtividade e lucro, promovendo a contaminação ambiental e afetando a saúde de produtores e consumidores pela presença indesejável de resíduos químicos nos alimentos.

Considerando a crescente demanda por produtos orgânicos, proporcionada pelas exigências dos mercados interno e externo, os anseios da sociedade em obter produtos naturais, a necessidade de preservar o meio ambiente e dar garantia de vida às futuras gerações, o mercado de produtos orgânicos de um modo geral é bastante expressivo e apresenta-se como uma proposta duradoura e auto-sustentável.

No Brasil, a produção em sistema orgânico ainda é incipiente, contudo, a sua expansão é notadamente comprovada nas Regiões Sul e Sudeste. Os avanços deste sistema de produção podem ser traduzidos pela repercussão positiva a nível nacional, a partir da elaboração de normas de produção, selo de qualidade e certificação dos alimentos quanto à segurança alimentar.

Os produtos orgânicos vêm alcançando grande aceitação junto ao mercado consumidor interno e conquistado também fatias importantes do mercado externo principalmente da Europa e dos Estados Unidos. Atualmente, em 20022, foram estimava-se que no Brasil estariam sendo cultivados perto de 275 mil hectares com produtos orgânicos, que geravam um volume de produção de

cerca de 300 mil toneladas/ano, movimentando aproximadamente R\$ 200 milhões/ano. Os dados mais recentes sobre o setor no país mostram que o crescimento do mercado orgânico - que vinha aumentando, no início da década de 1990, em torno de 10% ao ano - chegou próximo a 50% ao ano nos últimos três anos. Portanto, superior aos países da União Européia e dos Estados Unidos da América, onde o mercado cresce em média 20 % a 30% ao ano (DAROLT, 2002).

Apesar da importância que o mercado de produtos orgânicos representa para o Brasil, existe um baixo conhecimento das dimensões atual e potencial desse mercado, mais notadamente na região Nordeste, assim como suas exigências e pontos de estrangulamento na esfera da agricultura familiar.

É de suma importância a formação de uma base de dados sobre a situação da agricultura orgânica no Nordeste, bem como a elaboração de diagnósticos para possíveis intervenções do setor público através da pesquisa tecnológica a fim de reduzir os entraves ao longo da cadeia produtiva e consolidar a agricultura familiar voltada para a produção de produtos orgânicos. O estudo faz parte de uma série que resultantes do levantamento da situação da cadeia produtiva de produtos orgânicos em todos os estados nordestinos.

Objetivos

Caracterizar o perfil dos produtores de hortaliças orgânicas no Estado do Rio Grande do Norte, descrevendo o sistema produtivo sob a ótica dos aspectos agrossocioeconômicos para possíveis intervenções de pesquisa tecnológica visando garantir a auto-sustentabilidade da atividade na região.

Formar um banco de dados sobre a produção de alimentos em sistema orgânico de produção no Rio Grande do Norte e os perfis dos consumidores e fornecedores de produtos orgânicos do Estado, visando subsidiar propostas de pesquisa e intervenções do poder público ao longo da cadeia produtiva.

Material e Métodos

O estudo desenvolvido, entre 2004 e 2005, pela Embrapa Tabuleiros Costeiros em parceria com a Empresa de Pesquisa Agropecuária do Rio Grande do Norte - EMPARN, formando uma equipe multidisciplinar de pesquisadores,

priorizando a caracterização e a problemática da produção de produtos orgânicos.

O estudo constou de duas fases: 1) aplicação de questionários e 2) análise dos dados coletados. Os questionários foram elaborados por equipe de pesquisadores da Embrapa Tabuleiros Costeiros e da Empresa de Pesquisa Agropecuária do Rio Grande do Norte – EMPARN, procurando-se a participação multidisciplinar do trabalho, com questões de múltipla escolha, relacionadas ao perfil sócio-econômico dos produtores de produtos orgânicos, permitindo ao entrevistado responder todas as questões atinentes à produção orgânica.

Os questionários referentes ao sistema produtivo foram aplicados junto a onze principais produtores de produtos orgânicos dos tabuleiros costeiros e do vale do Baixo-Assu, compreendendo os municípios de Natal, Extremós, Parnamirim, Nísia Floresta, São Gonçalo do Amarante, Touros, Mossoró, Baraúna e Serra do Mel. A escolha destes municípios foi feita em função de serem eles os mais expressivos na produção de alimentos orgânicos do Estado.

Os dados obtidos foram dispostos em planilhas eletrônicas para classificação, agrupamento e análise estatística. Dentro de cada agrupamento, os percentuais foram calculados em relação ao número de alternativas disponíveis à questão formulada ou ao número de entrevistados que optaram pela alternativa em foco.

Resultados e Discussão

A análise das variáveis e indicadores utilizados mostraram que os produtores orgânicos aplicam técnicas que respeitam o equilíbrio e a sustentabilidade da natureza. Portanto podem ser consideradas unidades produtivas mais sustentáveis se comparadas às unidades de exploração no sistema convencional.

Em relação ao motivo da opção pela produção orgânica, 42,2% dos produtores a adotaram por verem a rejeição dos consumidores a produtos contaminados com agrotóxicos; 26,3%, pelos preços de venda mais atrativos do que os dos produtos convencionais; 15,7%, pelo menor custo de produção; 5,3%, pela consciência ambiental; e 10,5 %, não tiveram uma motivação específica. (Figura1)

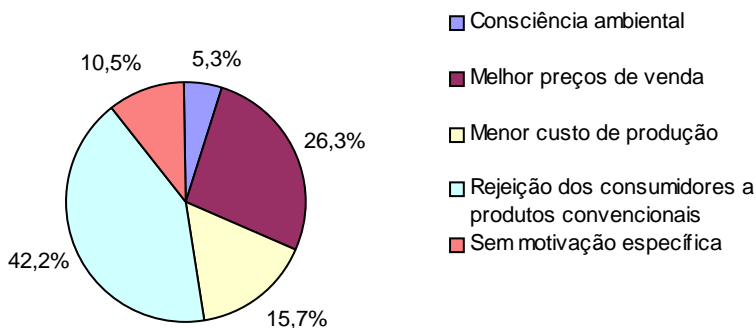


Figura 1. Motivação dos produtores na opção pela produção orgânica no Rio Grande do Norte, em 2004.

Perguntados em relação a outros motivos que os levaram a produzir produtos orgânicos, foram citados os seguintes: a diferenciação de produtos pela qualidade foi um fator importante para 63,6% dos produtores; a atratividade do mercado, para 54,5%; a demanda crescente, para 45,5%; o lucro e retorno rápido do para 18,2%; e, como uma opção para as propriedades, 27,3%. Não obstante, 90,9% dos produtores pretendem continuar na atividade e apenas 9,1% pretendem parar.

Quanto à região onde os produtos orgânicos são cultivados, 81,8% dos produtores encontram-se na região litorânea, e 18,2%, estão na área de transição entre o litoral e o agreste (Figura 2).

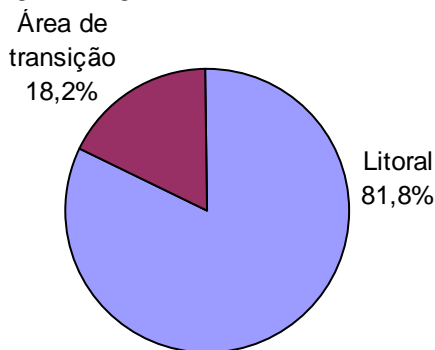


Figura 2. Localização das propriedades de produção orgânica no Rio Grande do Norte, em 2004.

Quanto à ocupação da terra: 83,3% dos produtores são proprietários, 8,3% são arrendatários e 8,3% fizeram algum outro tipo de ocupação não especificada (Figura 3).

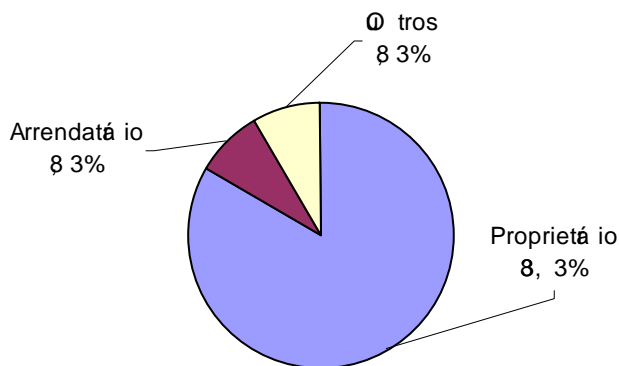


Figura 3. Uso da terra na produção orgânica no Rio Grande do Norte, em 2004.

Em relação ao tamanho da área, 36,4% dos produtores têm menos de 1 ha; 9,1%, 2 ha e 54,5%, mais de 2 ha (Figura 4).

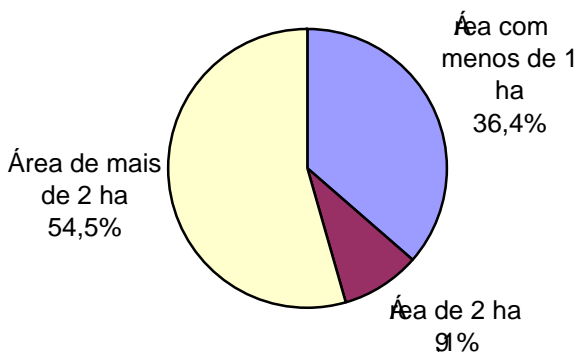


Figura 4. Distribuição por área das propriedades de produção orgânica no Rio Grande do Norte, em 2004.

Dos produtores de produtos orgânicos no Rio Grande do Norte, 63,6% comercializam toda a produção, enquanto 36,4% destinam uma parte da produção para consumo próprio.

Quanto ao tipo de cultura, 54,5% produzem hortaliças e 45,5% frutas (Figura 5).

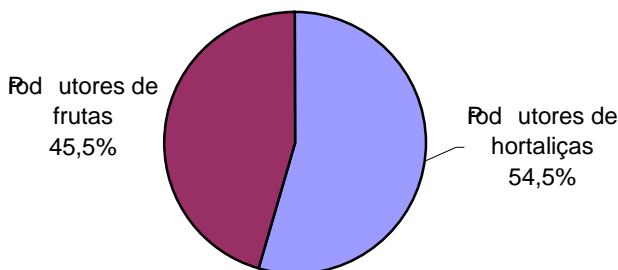


Figura 5. Distribuição dos produtores de orgânicas no Rio Grande do Norte, quanto à natureza dos produtos produzidos, em 2004.

Quanto à área cultivada, 42,9% dela se reserva às hortaliças e 57,1% às frutas (Figura 6).

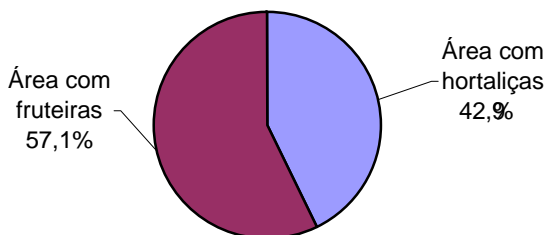


Figura 6. Distribuição da área cultivada entre os produtores de frutas e hortaliças orgânicas no Rio Grande do Norte, em 2004.

Em relação às espécies cultivadas, nas propriedades dos produtores entrevistados, verifica-se que melão, abobrinha, berinjela, pimenta-de-cheiro, batata doce e macaxeira são cultivados por 1,4% dos produtores; pepino, couve-flor e chuchu, por 2,5% dos entrevistados; cenoura, cebola, repolho, jerimum, castanha de caju e abacaxi, por 3,8% dos agricultores pesquisados; beterraba, maxixe, tomate e quiabo, por 5,1% dos produtores; couve, alface e salsa, por 6,3%; enquanto que 7,6% dos entrevistados declararam cultivar coentro, cebolinha e pimentão.

Quanto ao número de pessoas que trabalham nas propriedades, 9,1% dos produtores tem dois trabalhadores; 9,1% têm três; 18,2%, quatro; 36,4%, cinco; 9,1%, seis; 9,1%, sete; e 9,1%, tem oito ou mais pessoas.

Dos produtores entrevistados, 54,5% contratam mão-de-obra contra 45,5% que não contratam. Em relação à mão-de-obra, 28,6% são empregados esporádicos; 21,4% são empregados permanentes e 50,0% correspondem a pessoas da família (Figura 7).

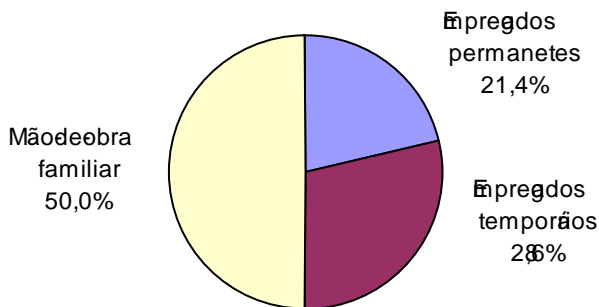


Figura 7. Distribuição da mão-de-obra na produção de produtos orgânicos no Rio Grande do Norte, em 2004.

Quanto à utilização de mão-de-obra especializada, 91,0% dos produtores não utilizam, contra 9,0% que utilizam. Todos que utilizam mão-de-obra especializada contam com técnicos agrícolas na propriedade.

Recebem incentivos do governo, 81,8% dos produtores e 18,2% não o recebem. Da iniciativa privada, 63,6% não recebem e 36,4% sim. Da natureza das instituições privadas que fornecem ajuda aos produtores, uma metade é constituída por ONG's e a outra por empresas compradoras da produção. Quanto aos tipos de ajudas, 36,4% recebem recursos financeiros; 18,2% insumos; 9,1% assistência técnica e 36,4% outras formas não especificadas.

Quanto ao custeio da implantação e condução da atividade, 61,5% dos produtores utilizam recursos próprios; 15,4%, financiamentos de órgãos de fomentos e/ou bancos oficiais; 15,4% recursos do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural - SENAR e 7,7% recursos do Garden Brasil.

Quanto às fontes de renda dos produtores de orgânicos, temos: 18,2% são aposentados; 18,2% são funcionários públicos; 9,1% funcionários da iniciativa privada; 18,2% da agricultura convencional; 27,3% não têm outra fonte de renda e 9,1% não deram a informação.

Com referência ao tempo na atividade de produção de produtos orgânicos, 18,2% trabalham há menos de dois anos; 45,5% entre dois e cinco anos e 36,4% há mais de cinco anos.

Com relação à assistência técnica, 36,4% recebem contra 63,6% que não recebem; 45,5% afirmaram que possuem um responsável técnico e 54,5% que não possuem.

Quanto à escolaridade, 9,1% são analfabetos; 54,5% são alfabetizados; 9,1% possuem curso superior completo e 27,3%, curso superior incompleto. Não se verificou a existência de produtores com apenas o primeiro ou segundo graus completos.

Os principais locais de comercialização, segundo os produtores entrevistados são: supermercados, 18,2%; feiras livres, 18,2%; centrais de abastecimento, 9,1%; atravessador, 36,4% e mercado externo, 18,2%.

Dos produtores de produtos orgânicos entrevistados, 81,8% fazem plantação de alguma cultura em consórcio e 18,2% não fazem. Com relação ao plantio de cultura solteira, 63,6% fazem; 27,3% não fazem e 9,1% não declararam. No que se refere à rotação de culturas, 72,7% adotam essa prática e 27,3% não.

Quanto aos insumos, 58,3% dos produtores usam sementes selecionadas; 50% utilizam adubos de fundação; 50% irrigam a plantação; 75% fazem adubação de cobertura e 41,7% fazem a correção do solo.

Com referência aos adubos utilizados, 58,3% dos produtores utilizam composto; 50% usam esterco de gado ou de galinha; 16,7% usam bokashi; 8,3% usam biofertilizantes, ou fosfato natural, ou farinha de ossos, ou cinzas; 16,7% dos produtores não fazem adubação (Figura 8).

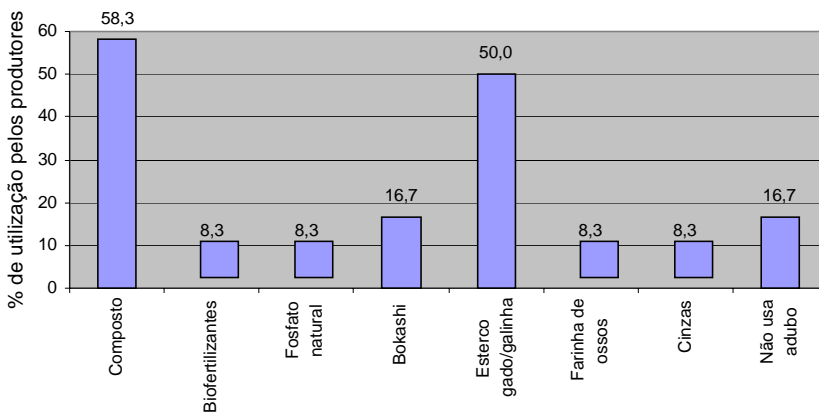


Figura 8. Forma de adubação das culturas orgânicas no Rio Grande do Norte, em 2004.

As principais pragas relatadas pelos produtores são: pulgão em 63,6% das propriedades; brocas em 54,5%; paquinhos em 54,5%; larva minadora em 45,5%; lagartas desfolhadoras em 45,5%; lagarta rosca em 36,4%; ácaros em 27,3%; traça da castanha em 18,2%; mosca branca em 18,2%; vaquinhas em 18,2%; cigarrinhas em 9,1%; tripés em 9,1% e cochonilhas em 9,1% (Figura 9).

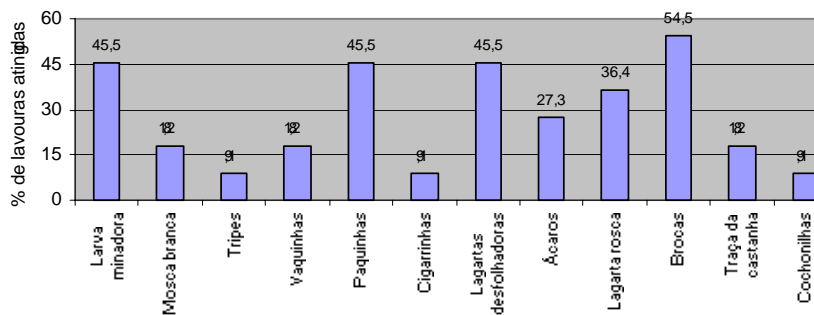


Figura 9. Incidência de pragas na produção orgânica do Rio Grande do Norte, em 2004.

Para o controle das pragas, 36,4% dos produtores usam iscas; 36,4% usam Dipel; 18,2% fazem catação manual; 9,1% usam macerado de pimenta e urtiga; 9,1% utilizam caldas de pimenta; 9,1% usam calda de extrato de fumo; 9,1% usam sabão e 27,2% não usam qualquer produto.

As principais doenças no cultivo de produtos orgânicos são: viroses, em 54,5% das propriedades; podridões, em 54,5%; murcha, em 45,4%; antracnose, em 36,4%; queima de folha, em 27,3%; podridão da raiz, em 27,3%; queda de frutos, em 9,1%; nematóides, em 9,1% e o tombamento em 9,1% das propriedades.

Quanto ao controle das doenças, 36,4% dos produtores aplicam calda bordaleza; 36,4% usam calda sulfocálcica; 18,2% usam extrato de fumo; 18,2% usam inseticidas naturais; 18,2% usam sabão biodegradável; 9,1% usam manipueira; 9,1% usam supermagro e 18,2% não usam produto algum.

A água usada para irrigação procede: de lagoas, em 18,2% das propriedades; de rios, em 27,3%; de poços artesianos, em 36,4%; de barragens, em 9,1%. Uma parte dos produtores, 9,1%, não declarou a origem da água utilizada.

Com relação aos cuidados com o terreno, 54,5% dos produtores deixam o terreno em pousio, contra 45,5% que não deixam.

Quanto ao preparo do solo, 91% dos produtores fazem contra 9% que não fazem. Dos produtores que fazem preparo do solo, 60% usam trator; 10% utilizam tração animal e 30% preparam manualmente. A adubação verde é feita por 60,0% dos produtores contra 40,0% que não a fazem.

No entender dos produtores, os fatores que mais oneram o sistema de produção, em ordem de importância, são: mão-de-obra, adubos, produtos para controle de pragas ou doenças e, por último, as sementes.

A irrigação só é utilizada em 55,5% das propriedades. Nessas propriedades, o gotejamento é usado em 33,3% delas, a microaspersão em 66,7%; a aspersão em 50%; a irrigação manual com mangueira em 16,7% e com regador em 16,7%. A análise química da água é feita em 36,4% das propriedades contra 63,6% que não a fazem.

Para acondicionar seus produtos, 54,5% dos entrevistados usam embalagens padronizadas; 18,2% usam embalagens não padronizadas; 27,31% não utilizam embalagens.

A certificação de qualidade dos produtos já é feita por 50,0% dos produtores, 20,0% não a fazem e 30,0% estão providenciando.

Quanto à margem de lucro da atividade, metade dos produtores não quis ou não soube informar e os outros informaram uma lucratividade média em torno de 20%.

As perdas na produção de orgânicos ocorreram em 63,7% das propriedades analisadas e foram atribuídas ao processo de produção por 54% dos produtores, à comercialização por 18,2%; à colheita por 9,1% e ao beneficiamento também por 9,1% deles.

A comercialização dos produtos é feita diariamente por metade dos produtores e, semanalmente pelos demais, 36,4% dos entrevistados acham que não existem problemas na comercialização de orgânicos, 18,2% acham que a falta conhecimento ao consumidor ou que a presença do atravessador ou que as perdas na

produção são os fatores importantes; a sazonalidade, a cultura do povo, as despesas na colheita e a queda de preço são fatores importantes apenas para 9,1% dos produtores.

Perguntados sobre as principais dificuldades encontradas na atividade, 18,2% dos produtores afirmaram ser a pequena demanda pelos produtos; 72,7% acham que há pouca divulgação; para 18,2% é o alto custo de produção; 9,1% pensam que, por ser uma atividade de risco, dificulta investimentos; para 45,5%, é o pouco conhecimento do consumidor; para 55,5%, a inexistência de estudos de mercado; 9,1% pensam que é a falta de capital e 9,1% não sabem ou não quiseram opinar sobre o assunto.

Com relação aos preços praticados no comércio, 72,7% afirmaram que não existe diferença entre os preços dos produtos orgânicos e os convencionais, enquanto 27,3% a reconhecem que os produtos convencionais são mais baratos.

Para incrementar o consumo dos orgânicos, 90,9% dos produtores recomendam a maior divulgação; 18,2%, o aumento da diversidade dos produtos; 45,5%, o selo de certificação; e, 45,5% , a regularidade na produção e oferta.

Indagados sobre os papéis que papel a Embrapa poderia desempenhar no contexto da produção de orgânicos, a pesquisa sobre controle de pragas e doenças bem como sobre a adubação orgânica, foi um fator importante para 81,8%; pesquisas sobre manejo das culturas, para 72,7%; o desenvolvimento de pesquisas sobre mercado, para 45,5%; a definição de sistemas de produção, para 27,3%; pesquisas sobre problemas de pós-colheita, para 18,2%; pesquisas sobre embalagens, para 18,2%; e, não souberam ou não quiseram opinar, 9,1%..

Quanto aos principais problemas enfrentados na produção, a falta de assistência técnica foi um fator importante para 54,5% dos produtores; a falta de capital, para 45,5%; a falta de mão-de-obra especializada, para 27,3%; e, a falta de incentivo do governo e a resistência a mudanças de hábitos foram importantes para 9,1% deles.

Conclusões

Em regra geral pode-se dizer que o produtor de produtos orgânicos no Rio Grande do Norte encontra-se na região litorânea, é proprietário da terra e mais da metade deles possui mais de 2 ha de terra. Comercializa quase toda a sua produção, via atravessador, e produz mais hortaliças orgânicas do que frutas. Normalmente, ingressou na atividade devido à rejeição dos consumidores aos produtos contaminados por agrotóxicos e pela atratividade dos preços de venda dos produtos orgânicos. Não faz uso de obra técnica ou especializada, embora receba incentivos técnicos e financeiros do governo; dispõe de uma fonte alternativa de renda, como aposentadoria e emprego, e está na atividade entre dois e cinco anos. Geralmente, é apenas alfabetizado, não possui responsável técnico pela produção nem recebe assistência técnica.

As hortaliças mais cultivadas foram: coentro, cebolinha, pimentão, couve, alface, salsinha, beterraba, maxixe, tomate e quiabo; já as frutas mais cultivadas foram: melão, abacaxi, castanha de caju, trabalhando com cerca de quatro pessoas, sendo parte delas contratadas temporariamente. A implantação do sistema de produção é normalmente feita utilizando recursos próprios. Os produtores plantam culturas solteiras e culturas consorciadas, fazem a rotação de culturas, usam sementes selecionadas, adubação de fundação e de cobertura e irrigação por microaspersão. Na adubação, usam normalmente compostos e esterco de gado e galinha.

As principais pragas da lavoura são: pulgão, brocas, paquinhas, larva minadora e lagartas desfolhadoras. Para o controle das pragas, usa, geralmente, iscas e Dipel. As principais doenças observadas são viroses, podridão, murcha e antracnose. No controle das doenças, aplica, principalmente, calda bordaleza e calda sulfocálcica.

A água usada para irrigação procede, principalmente, de poços artesianos e riachos e não é submetida a análise química. Geralmente, o produtor deixa o terreno em pousio. O solo é preparado com trator e faz uso da adubação verde.

Os fatores que mais oneram a produção são: a mão-de-obra, a adubação e o controle de pragas e doenças. A maioria dos produtores está providenciando a certificação dos produtos, comercializa em embalagens padronizadas e trabalha com uma margem média de lucro em torno de 20%. A comercialização dos

produtos é feita diariamente. Perdas de produtos ocorrem na maioria das propriedades e é atribuída, principalmente, a problemas no processo de produção.

Do ponto de vista do produtor, há uma limitação no mercado de produtos orgânicos, principalmente pela pouca informação do consumidor a respeito destes produtos, que são praticamente do mesmo preço que os produtos convencionais.

Para incrementar o consumo dos orgânicos, os produtores recomendam a maior divulgação, a certificação e a regularidade na produção. Demandam das instituições de pesquisa, estudo sobre controle de pragas e doenças, adubação orgânica, e manejo das culturas orgânicas. A falta de assistência técnica é, do ponto de vista da maioria dos produtores, o principal problema da produção.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento - Instrução Normativa N° 7 de 29 de maio de 1999. Estabelece as normas de produção para os produtos orgânicos de origem vegetal e animal. Diário Oficial da União, Brasília, 19/05/1999, Seção 1, pág 11.

BRASIL. Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento - Lei N° 710.831, de 23 de dezembro de 2003. Dispõe sobre a agricultura orgânica e da outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 24/12/2003, Seção 1, pág 8.

DAROLT, M.R., Agricultura Orgânica: Inventando o Futuro – Londrina : IAPAR, 2002. 250p. il., fotos.



Tabuleiros Costeiros

Ministério da
Agricultura, Pecuária
e Abastecimento

